

UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA DA LITERATURA DE CORDEL A PARTIR DA TEORIA DA ABDUÇÃO

UN ABORDAJE SEMIÓTICA DE LA LITERATURA DE CORDEL A PARTIR DE LA TEORÍA DE LA ABDUCCIÓN

ARAGÃO, Denisson Silva¹
CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo aplicar a Teoria da Abdução, criada pelo filósofo-lógico-matemático norte-americano Charles Sanders Peirce, fundador da moderna Semiótica, a ciência geral dos signos, em livretos de cordéis da região Nordeste do Brasil, especificamente em 5 cordéis do gênero Romances Históricos ou Aventuras e em cinco cordéis do gênero Desafio ou Peleja, com a finalidade de identificar as abduções realizadas pelas personagens e suas inferências sobre os acontecimentos, fatos e experiências que compõem a narrativa.

Palavras-chave: Semiótica. Abdução. Literatura de Cordel. Narrativas.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo aplicar la Teoría de la Abducción, criada por el filósofo lógico matemático norteamericano Charles Sanders Peirce, fundador de la moderna Semiótica, la ciencia general de los signos, en libretos de cordeles de la región Nordeste del Brasil, específicamente en 5 cordeles del género Romances Históricos o Aventuras y en 5 cordeles del género Desafío o Pelea, con la finalidad de identificar las abducciones realizadas por los personajes y sus inferencias sobre acontecimientos, hechos y experiencias que componen la narrativa.

Palabras clave: Semiótica. Abducción. Literatura de Cordel. Narrativas

¹ Graduando do Curso Letras Português-Espanhol da UFS – Universidade Federal de Sergipe. Foi Bolsista PIBIC/FAPITEC e é Membro do Grupo de Pesquisa SELEPROT – Semiótica, Leitura e Produção de Textos. E-mail: deni_dsa@hotmail.com

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Mestre em Linguística pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do DELI – Departamento de Letras-LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Coordenador do Projeto de Pesquisa Semiótica e Literatura de Cordel: Estudos sobre as formas de significação, modos de representação e níveis de interpretação que emergem dos folhetos e das narrativas do Cordel em Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa GEMADELE- Elaboração e análise de material didático para ensino de línguas estrangeiras/adicionais da UFS e Membro do Grupo de Pesquisa SELEPROT – Semiótica, Leitura e Produção de Texto da UERJ.

Uma breve introdução

A semiótica é uma das ciências do século XX³, que tem como objeto de estudo todas as formas de linguagem. Foi criada por John Locke e fundada pelo norte americano Charles Sanders Peirce, uma vez que foi ele a delimitar o seu objeto de análise e a criar os seus mecanismos de indagação, ou seja, teorias e métodos.

Dentre as diversas teorias criadas, a partir dessa ciência, se encontra uma teoria denominada de Teoria da Abdução, criada por Peirce a partir da reflexão de como as pessoas fazem suposições corretas de modo tão frequente. Ao observar que o ser humano tinha uma predisposição para fazer suposições, criar hipóteses, inferir algo sobre as coisas, Peirce começou a indagar-se qual seria o motivo de tal capacidade, da onde viria essa predisposição e o que seria. Assim, denominou essa predisposição de Abdução e a definiu como “um meio de comunicação entre o homem e seu criador, um ‘privilégio divino’ que deve ser cultivado” (ECO E SEBEOK, 2004, p. 21).

Desta forma, esse artigo é fruto de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), intitulado “Semiótica e Literatura de Cordel: estudo sobre as formas de significação, modos de apresentação e níveis de interpretação que emergem dos folhetos e das narrativas do Cordel em Sergipe”, sob a Coordenação do Prof. Dr. Claudio Manoel de Carvalho Correia; tendo como corpus escolhido para análise 5 (cinco) cordéis do gênero Romances Históricos ou de Aventuras e 5 (cinco) cordéis do gênero Desafio ou Peleja. O objetivo é entender os complexos processos de interpretação, inferências e abduções que constituem as narrativas dos folhetos de cordel nesses 2 (dois) gêneros. Os estudos de fundamentação teórica que foram realizados com o propósito de servir como substrato teórico metodológico para a pesquisa e assim para este artigo foram as teorias de Gênova (1997), Pignatari (1987), Roiphe (2013), Santaella (1983, 1992, 2004) e, de forma primordial, a teoria de Eco e Sebeok (2004), que apresentam a teoria peirceana da abdução e suas diferentes classificações.

³ No século XX há uma partilha entre duas ciências nos estudos relacionados à linguagem, a Linguística e a Semiótica. A primeira preocupou-se em estudar o fenômeno língua, enquanto que a segunda se debruçou sobre todo e qualquer fenômeno que possa servir como linguagem, dando especificamente mais atenção as formas não-verbais da linguagem, uma vez que a forma verbal já era objeto de estudo da linguística.

Da semiótica à teoria da abdução

A Semiótica é uma das ciências que surgiu no início do século XX, mais especificamente no ano de 1906, quando Charles Sanders Peirce delimita a semiótica, ou seja, a ação e atividade dos signos como seu objeto de análise. Vale ressaltar que a Semiótica, na verdade, foi criada por John Locke em seu Ensaio para o Entendimento Humano, e posteriormente fundada pelo filósofo-lógico-matemático norte-americano Charles Sanders Peirce, considerado o pai da moderna semiótica, uma vez que foi ele quem delimitou o objeto de seu estudo e criou os mecanismos de indagação, teorias e métodos, fundamentais para o desenvolvimento dessa ciência. O objeto de estudo da Semiótica é toda e qualquer forma de linguagem, seja ela verbal ou não-verbal, uma vez que estamos inseridos em várias formas sociais de comunicação:

Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim: todos os sistemas de produção de sentido, aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem, propiciam hoje uma enorme difusão. (SANTAELLA, 1983, p. 12)

Assim, a semiótica não está debruçada somente na linguagem verbal, mas em toda e qualquer forma que possa servir como meio de produção de significação e de sentido: “A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. (SANTAELLA, 1983, p. 13)

A necessidade de ter uma ciência que investigasse todo o tipo de linguagem é fruto da tomada de consciência humana de que não existe somente no mundo, como meio de produção de significação e de sentido, a linguagem verbal, que é a “articulação de sons no aparelho fonador que veiculam conceitos” (SANTAELLA, 1983, p. 11), mas que existem uma extensa variedade de outras formas de linguagem que servem como meio de comunicação e produção de significado.

[...] em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modo de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos “primitivas”, danças, músicas, cerimônias e

jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poéticas, cenografia etc.(SANTAELLA, 1983, p. 11)

Assim, com o advento da Revolução Industrial, com o surgimento da prensa e de tantas outras formas de reprodução de mensagens, o homem passa a ter uma nova consciência acerca do fenômeno linguagem e toma consciência de que se faz necessário uma ciência que abarque a linguagem como um todo e não somente enquanto fenômeno verbal, nascendo em si uma “consciência semiótica” (SANTAELLA, 1983, p. 15)

[...] isto é, a proliferação histórica crescente das linguagens e códigos, dos meios de reprodução e difusão de informações e mensagens, proliferação esta que se iniciou a partir da Revolução Industrial – vieram gradativamente inseminando e fazendo emergir uma “consciência semiótica” (SANTAELLA, 1983, p. 15)

Desta forma, observando a capacidade do ser humano de criar vários mecanismos para a produção de sentido e significação, Peirce criou a teoria da abdução, que é a capacidade do ser humano de fazer suposições corretas sobre as coisas de modo tão frequente. Peirce observou que diante dos fenômenos que se apresentavam à mente, o ser humano criava hipóteses, fazia suposições, realizava inferências e que essa capacidade era algo natural, fazia parte da natureza humana assim como tantas outras características:

Comparando nossa capacidade de abdução como ‘os poderes musicais e aeronáuticos de um pássaro, isto é, aquela está para nós como aqueles estão para este: o mais elevado de nossos poderes meramente instintivos. PEIRCE apud ECO E SEBEOK (2004, p. 20).

No entanto, mesmo sendo algo natural ao ser humano, instintivo, inato, Peirce promulgou que a capacidade abductiva era fruto da observação, do fenômeno que se apresenta à mente humana a partir dos órgãos dos sentidos, da capacidade humana de relacionar-se com o mundo, de observá-lo e a partir disso realizar inferências sobre ele.

A abdução se inicia a partir de fatos, sem que, nesse começo, haja qualquer teoria particular em vista, embora seja motivada pelo sentimento de que a teoria é necessária para explicar os fatos surpreendentes. [...] A abdução persegue uma teoria [...] Na abdução a consideração dos fatos sugere a hipótese. PEIRCE apud ECO E SEBEOK (2004, p. 32).

Classificou a abdução em três tipos e os denominou de: Hipótese ou Abdução Hipercodificada, Abdução Hipocodificada e Abdução Criativa.

Na abdução hipercodificada, afirmou que a inferência realizada é geral, ou seja, o fenômeno se apresenta por meio dos órgãos dos sentidos à mente humana e a lei é dada quase que automaticamente, por exemplo, chegando em minha casa, eu encontro porta aberta (fenômeno), faço a inferência (abdução) que alguém entrou em minha casa, mas não afirmo quem é esse alguém.

Já na abdução hipocodificada a regra é dada a partir do nosso conhecimento do mundo atual. Além de inferir quem é o causador do fenômeno, faço uma inferência mais pontual sobre esse causador afirmando quem ele é sem me preocupar se a inferência está certa ou errada, por exemplo, além de especificar que alguém entrou na minha casa (abdução hipercodificada), especifico quem é esse alguém a partir do meu conhecimento de mundo, minha irmã, assinalando desta forma algo mais pontual sobre esse código.

Quando chegamos na abdução criativa, a teoria da abdução é um processo que passa por etapas, inventamos a lei, supomos de que forma ocorreu o fenômeno a partir do próprio fenômeno. Temos aqui a liberdade da criatividade, o observador pode realizar a inferência que ele quiser sem se preocupar com a veracidade dela.

E por fim, como meio de constatação se as inferências (abduções) estão corretas ou não, passamos para o último tipo de abdução que é a meta-abdução. Nela consiste a decisão se o universo inferido pelas primeiras abduções é o mesmo que o universo da nossa experiência. A partir dos fatos observados, o observador passa a verificar se as abduções realizadas anteriormente estão de acordo com eles. A comprovação é fornecida pelos fatos observados e deve ser realizada na análise dos fatos de forma lógica e verificando todas as possibilidades possíveis. Assim, mesmo que a abdução tenha um “quê” de adivinhação, ela está alicerçada em uma análise lógica dos fatos e como qualquer outra teoria, existe nela um processo que precisa ser seguido e que pode ser testado para que as suas suposições sejam aceitas como verdade ou não.

A construção que faz Peirce de abdução descreve, em essência, um processo no qual o sujeito é confrontado com um fato observado que precisa de explicação e que aparenta ser importante, de modo a explicar o fato observado, ele (a) precisa recorrer a uma “conhecida lei ou regra da natureza ou outra verdade geral”, que irá tanto explicar o fato retrospectivamente quanto, espera-se, revelar sua importância. A abdução é um degrau entre um fato e sua origem; o salto intuitivo, perceptivo, que permite ao sujeito supor uma origem, a qual pode, então, ser testada para provar, ou negar, a hipótese.

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 308 - 321. ISSN 1984 – 6576.

Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

A abdução é uma teoria desenvolvida para explicar um fato pré-existente (ECO E SEBOK, 2004, p. 202).

Aplicação da teoria da abdução à literatura de cordel

A literatura de cordel é um gênero literário escrito pelas camadas populares mais baixas e suas produções constam desde meados do século XIX. Sua origem é muito discutida⁴, mas, para alguns estudiosos deste gênero literário, ela está relacionada a Antiguidade Clássica, cultura greco-romana, passando por Portugal do período Medieval e chegando ao Brasil pelo processo de colonização efetivado pelos portugueses no século XVI.

Possui algumas características que podem ser encontradas como: marcas formais como a sextilha (estrofes com seis versos) setessilábica com esquema rítmico abcbdb, as quadras (estrofes com quatro versos) e os poemas de dez versos; divisão em quatro grandes gêneros, biográficos, cangaço, desafio ou peleja, romances históricos ou de aventuras; interdiscursividade; presença de elementos mágicos; influência religiosa, vários folhetos servem como propagadores da moral e costumes cristãos; e por fim, o acróstico⁵, que surge como meio de garantir o direito de autoria.

Análise dos cordéis romances históricos ou aventuras

Os cordéis que foram classificados dentro dessa categoria são os que narram histórias sem o teor biográfico, sem associação ao cangaço e sem pelejas em versos, ou seja, são os cordéis que narram qualquer outro tipo de história. Os eleitos foram: *O sapo e o urubu foram à festa no céu*, *Severino o jovem que fez sexo com uma cobra*, *O jabuti e a anta brigam por comida*, *O doutor e o carro de boi* e *Saudades do meu sertão*.

O primeiro cordel analisado, *O sapo e o urubu foram à festa no céu*, é da cordelista sergipana Salete Nascimento e é composto por 49 (quarenta e nove) estrofes. Narra a história

⁴ A discussão entre os estudiosos da literatura de cordel sobre sua origem é vasta. Para alguns, como Câmara Cascudo, o cordel surge na Europa, já para outros, como Andrade, surge no próprio Brasil como um pensamento elementar, como algo instintivo.

⁵ “Composição poética em que as letras iniciais dos versos formam, lidas verticalmente, palavra (s) ou frases” (AURÉLIO, 200, p. 14). No caso da literatura de cordel, os acrósticos, servem como meio de garantir a autoria, formam o nome do autor do texto.

da ida do urubu e do sapo ao céu para participarem de uma festa e os acontecimentos ocorridos antes e depois dessa ida:

Para ir à festa no céu
O urubu foi convidado
Preparou seu violão
Pôs no canto guardado
Tratou de ir convidar
Os amigos preparados. (NASCIMENTO, s/n, p. 3)

A personagem que realiza a abdução é o urubu, e os fenômenos que se apresentam a sua mente para que a inferência possa ser realizada são dois: o estremecimento do sapo dentro da viola que o urubu carregava ao voar para o céu e a corda afastada dessa mesma viola.

O sapo, para conseguir chegar ao céu e participar da festa, entra escondido na viola do urubu:

E naquela discussão
Rodeados na lagoa,
O sapo pensou consigo
Não vou fazer coisa atôa
Vou entrar nesta viola
O urubu comigo voa (NASCIMENTO, s/n, p. 7)

Na ida, o esconderijo não é descoberto, mas ao retornar para a terra, devido à desconfiança de como o sapo chegou ao céu, o urubu acaba realizando a abdução, pois ao notar o estremecimento do sapo dentro de sua viola:

O dia foi clareando
O urubu se arrumou,
Aos anjos agradeceu
Com os pássaros voou,
O sapo se estremeceu
O urubu desconfiou. (NASCIMENTO, s/n, p. 11)

E o fato da corda da viola está afastada, ele, o urubu, infere que há algo errado, embora não especifique o quê:

Percebeu na sua viola
Uma corda afastada
Falou para a andorinha
Aqui tem coisa errada
Esta viola pesada
Vou sacudir na baixada. (NASCIMENTO, s/n, p. 12)

Assim, realizando a abdução hipercodificada, ou seja, dando a lei automaticamente, inferindo algo geral sobre o fenômeno sem especificar o que é ou quem o causou.

O segundo cordel dessa categoria foi *Severino o jovem que fez sexo com uma cobra*. Escrito pela sergipana Salete Nascimento, narra a história de um rapaz chamado Severino e do ato sexual que mantinha com uma cobra que havia nomeado de Padilha:

O rapaz estava tímido
Mas o desafio aceitou
Desceu a calça depressa
A cobra em cima deitou
O rapaz fez sexo com ela
A serpente era donzela
Severino a deflorou. (NASCIMENTO, s/n, p. 7)

A abdução encontrada é realizada pelo vizinho de Severiano e justamente se dá no momento do ato sexual entre Severiano e Padilha. O vizinho, ao vê-los enroscado na cama, pensa que a cobra o está sufocando e que vai matar a Severiano:

Certo dia o seu vizinho
Viu na cama os dois rolando
De medo saiu correndo
Pela polícia gritando
O rapaz, a cobra vai matar
Ele já cansou de lutar
Ela está lhe dominando. (NASCIMENTO, s/n, p. 8)

O fenômeno apresentado à visão do vizinho para que ele infira algo é o enroscamento das duas personagens, Severiano e Padilha, e a abdução realizada é a hipocodificada, ou seja, a inferência é realizada especificando não somente quem seria o causador do fenômeno, mas quem é esse causador, independente se a inferência está certa ou errada. No caso analisado a inferência não é sobre quem é o causador do fenômeno, mas sobre aonde o fenômeno vai levar, que seria a morte de Severiano causada pela cobra. Contudo, a abdução realizada não se mostra correta uma vez que a cobra não estava sufocando Severiano, mas realizando o ato sexual, assim nós temos a meta-abdução que é a comprovação se o universo possível inferido é real, e pela lógica do enredo do cordel e pela atitude de Severiano acordado pelo ruído causado pelo tiro, concluímos que não:

Com o estampido do tiro
O moço pulou assustado
Perguntando por Padilha
Dizendo-se injuriado
O que fizeram com ela
O meu amor é só dela

Quero tê-la ao meu lado. (NASCIMENTO, s/n, p. 9)

O cordel seguinte analisado é da mesma escritora dos dois anteriores e tem como título *Ojabuti e a anta brigam por comida*. Relata a história do encontro do jabuti e da anta e o desentendimento entre os dois ocasionado pelos frutos maduros do pé desapoti:

Eu vou contar a história
Da Anta e do Jabuti,
Um dia se encontraram
Lá no pé de sapoti
E pelos frutos maduros
Desentenderam-se ali. (NASCIMENTO, s/n, p. 1)

Não há inferência neste cordel, logo, não encontramos nenhum tipo de abdução.

Após a análise do *Jabuti e a anta brigam por comida*, seguimos com a análise do Cordel de Ronaldo Dória Dantas, aracajuano, denominado de *O doutor e o carro de boi*. A história do cordel está pautada no vaqueiro que queria ver o seu filho se formar em doutor:

O fato que vou contar
Vem causar muita tristeza
De um vaqueiro sonhador
Querendo realizar proeza
Vendo filho se formar
Ser um doutor com certeza. (DANTAS, s/n, p. 2)

A abdução encontrada é feita pelo filho do vaqueiro. Após se formar doutor, o seu pai decidiu fazer uma festa para apresentá-lo e recebê-lo na cidade em que moravam, para poder realizar a comemoração, o pai, decide sacrificar os bois que serviam como meio de transporte, pois puxavam as carroças que serviam como transporte para a família, assim como realizavam as tarefas diárias da casa. O filho já tinha criado uma relação sentimental com esses animais, uma vez que desde criança tinha uma relação próxima com eles:

Os bois eram sua alegria
Fazem parte de sua vida
Lhe conheciam já de longe
Eram figuras queridas
Que tinham grande valor
Eram joias preferidas”. (DANTAS, s/n, p.10)

Assim, na noite da festa, já muito cansado, o filho do vaqueiro tem um sono penoso, esse sono é que se apresenta como o fenômeno para que ocorra a inferência de algo, pois,

REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 308 - 321. ISSN 1984 – 6576.
Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

logo em seguida ao sonho, ele, o filho do vaqueiro, corre para o cercado como que em busca de algumacoisa:

Mas o filho do vaqueiro
Já estava bem cansado
E foi dormir por completo
Acordando assustado
Teve um sonho penoso
Logo correu pro cercado. (DANTAS, s/n, p. 12)

Ao chegar no cercado, o velho carreiro lhe dar o recado que os bois haviam sido sacrificados para atender aos convidados da festa:

E viu o velho carreiro
Com o olhar dá recado
Que aquele dia de festejo
Lhe deixava bem marcado
Para atender ao povão
Os bois tinham marcado. (DANTAS, s/n, p. 12)

Assim, nós temos uma abdução, o sonho do filho do vaqueiro, mas que não é possível afirmar em quais dos três tipos de abdução se enquadraria, pois, o conteúdo do sonho não é revelado, logo, não podendo ser definido o que se encontra no fenômeno.

O último cordel dessa categoria foi escrito também por Ronaldo Dória Dantas e é denominado de *Saudades do meu sertão*. Esse cordel, a partir de um “eu-lírico”, narra a partida desse mesmo “eu-lírico” do sertão e a saudade sentida por esse lugar amado:

Quero paz no coração
Quero de novo sonhar
Ver casal de João de Barro
Alegre sempre a cantar
Vou matar a solidão
Vou voltar pro meu sertão
Pois ali é meu lugar. (DANTAS, s/n, p. 8)

A abdução encontrada é a hipocodificada, pois o fenômeno que se apresenta, a presença das andorinhas no fio, é reconhecido como a chegada da estação do ano verão a partir do conhecimento de mundo do “eu-lírico”, uma vez que no Nordeste a presença das andorinhas representa a chegada da seca:

No fio muitas andorinhas
Anunciando o verão

Trazendo ela de volta
A seca pra meu sertão
Esta seca seu menino
Que maltrata o nordestino
Tira ele do seu torrão. (DANTAS, s/n, p. 2)

Desta forma, a inferência é realizada a partir do conhecimento de mundo do “eu-lírico”.

Análise dos cordéis de desafio ou peleja

Os cordéis classificados como desafio ou peleja são os cordéis que têm em sua composição disputas realizadas pelas personagens a partir de versos. As personagens iniciam um combate onde as armas são os versos criados por elas. Os cordéis eleitos foram: *O duelo de Zé Patacão e Nicolau da Corriola*, *A peleja de Zeca Aleijado e Duca do Urubu*, *Encontro de lampião com Raul Seixas lá p'ras bandas do sertão*, *Peleja de Zé Pobretão com Zé Riqueza* e *Discussão do macumbeiro e o crente*.

O duelo de Zé Patacão e Nicolau da Corriola, da cordelistasergipana Salete Nascimento, foi o primeiro cordel analisado dessa categoria. Relata o encontro das duas personagens, Duelo de Zé Patacão com Nicolau da Corriola:

Nicolau amigo, eu estou chegando
Já estou sentindo seu bafo de bode,
Catingando assim, é triste não pode,
Deixe a cantoria procure a saída
Pegue sua viola vá cuidar da vida
Selei seu jumento pode se mandar
Nem mesmo um filho iria aguentar
Veja como sou um homem moderno
Vou mandar você morar no inferno
Peça a Jesus Cristo para lhe salvar. (NASCIMENTO, s/n, p. 1, grifo autor)

É composto por catorze estrofes. Nenhuma abdução foi encontrada neste cordel.

O segundo cordel analisado foi *A peleja de Zeca Aleijado e Duca do Urubu*, também da Salete Nascimento. A narrativa expõe o debate de Zeca Aleijado com Duca do urubu:

Solicito aos meus leitores
Que leiam com atenção,
Vejam em cada estrofe
Duca e Zeca em ação,

Foi um debate serrado
Quase gerou confusão. (NASCIMENTO, s/n, p. 2)

É composto por cinquenta e três estrofes e não possui resquício algum de abdução.

Encontro de Lampião com Raul Seixas lá p'ras bandas do sertão, de Ronaldo Dória Dantas, foi o terceiro cordel analisado. Traz o encontro e a prosa entre Lampião e Raul Seixas:

Quero falar de um encontro
Que aconteceu no sertão
De dois cabras valentes
Tendo uma arma na mão
Um usava sua pistola
O outro a sua viola
Cada um com seu refrão

E numa noite de Lua ficaram a conversar
Lampião disse Raul:
Com você vou prosear
Gosto de gente destemida
E também muito atrevida
Valente como um jaguar. ” (DANTAS, s/n, p. 1)

É composto de trinta e duas estrofes. E não possui nenhum tipo de abdução.

O quarto cordel dessa categoria analisado foi o de Ronaldo Dória, *Peleja de Zé Pobretão com Zé Riqueza*. Relata a disputa entre Zé Pobretão e Zé Riqueza para demonstrar que o valor do verso criado não é dado pela classe social do autor do verso:

“Mostrei para meus leitores
Uma peleja engraçada
Mostrando dois violeiros
Numa peleja danada]
Dizendo: - não é riqueza
Que faz versos ter nobreza
Nem a rima bem rimada. ” (DANTAS, s/n, p. 7)

Este cordel é composto por trinta e uma estrofes. Sem abdução alguma.

O quinto cordel e último a ser analisado foi o do cearense Gonçalo Ferreira da Silva, denominado de *Discussão do macumbeiro e o crente*. Este cordel relata o encontro da personagem Evangelista com a personagem Pilintra e das diferenças de opinião que um tem do outro sobre religião:

Evangelista e Pilintra
não pensam do mesmo jeito

pois enquanto Evangelista
diz que foi por Cristo aceito
Pilintra bate no bumba
dizendo que é na macumba
que se faz tudo bem feito.” (SILVA, s/n, p. 1)
[...]
Mas um dia Evangelista
Voltava alegre do culto
Quando avistou muito longe
De Pilintra o negro vulto
Que já vinha da macumba
No morro da catacumba
Já foram trocando insulto. (SILVA, s/n, p. 2)

Este cordel é composto por trinta e uma estrofes e não possui nenhum tipo de abdução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer todo o percurso traçado para a realização desta pesquisa, a saber, estudo e seleção do referencial que serviria como substrato teórico-metodológico e escolha e leitura do objeto a ser analisado, chegamos aos seguintes resultados expostos na tabela abaixo (Cf. Tabela 1).

Resultados Alcançados		
Classificação dos cordéis	Número de abduções	Tipos de abduções
Romances Históricos ou de Aventuras	5 (cinco) abduções	1 (uma) Hipercodificada, 2 (duas) Hipocodificada, 1 (uma) Meta- Abdução e 1(uma) não identificável por falta de informação no relato.
Desafio ou Peleja	Nenhuma abdução encontrada	
	Total geral de abduções	11 (onze) Abduções

Tabela 1 – Tabela geral das classificações dos diferentes tipos de abduções

Concluindo que a teoria da abdução foi mais encontrada nos cordéis classificados como Romances Históricos ou de Aventuras e menos encontrada nos cordéis classificados como Desafio ou Peleja. E ainda que a abdução Hipocodificada é a mais utilizada, seguida pela Hipercodificada e pela Meta-Abdução.

Outra conclusão, tirada desta pesquisa, foi a importância da realização de um estudo sobre a literatura de cordel a partir de novas perspectivas, em outros termos, precisamos olhar para esse gênero literário por um outro prisma, com outros objetivos e com aplicações de novas teorias, para assim mostrar a grandeza e a riqueza desse objeto de análise que por muito tempo sofreu pré-conceito por ser visto como algo menor quando comparado aos grandes gêneros do cânon literário. E foi justamente essa força motora que movimentou a nossa pesquisa, uma vez que a teoria da abdução peirceana, apresentada por Eco e Sebeok (2004), nos possibilitou um novo horizonte de análise para esse gênero literário, a saber, analisar as inferências realizadas pelas personagens da literatura de cordel para compreender a narrativa, personagens essas que são tão regionais e valorosas para a cultura nordestina.

REFERÊNCIAS

- DANTAS, Ronaldo Dória. O Doutor e o Carro de Boi. 2000.
_____. SAUDADES DO MEU SERTÃO. 2006.
_____. Encontro de Lampião com Raul Lá p'ras bandas do sertão.
- DÓRIA, Ronaldo. PELEJA DE ZÉ POBRETÃO COM ZÉ RIQUEZA.
- ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. O signo de três. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GÉNOVA, Gonzalo. Charles S. Pierce: La lógica del descubrimiento. Navarra, 1997.
- NASCIMENTO, Salete. O SAPO E O URUBU FORAM À FESTA NO CÉU. Aracaju: Turbocaju
_____. SEVERINO O JOVEM QUE FEZ SEXO COM UMA COBRA. Aracaju: Turbocaju
_____. O JABUTI E A ANTA BRIGAM POR COMIDA. Aracaju: Turbocaju
_____. O DUELO DE ZÉ PATRACÃO E NICOLAU DA CORRIOLA.
_____. A PELEJA DE ZECA ALEIJADO E DUCA DO URUBU.
- PIGNATARI, Décio. Semiótica e Literatura. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- ROIPHE, Alberto. O forrobodó na linguagem do sertão: Literatura verbovisual de folhetos de cordel. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.
- SANTAELLA, Lucia. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, Lucia. A assinatura das coisas: Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. DISCUSSÃO DO MACUMBEIRO E O CRENTE. 1998.
- REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 308 - 321. ISSN 1984 – 6576.
Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade.